

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMANUELLI ANUNCIADA RIBEIRO HOMEM

**RACISMO E SUBJETIVIDADE: Uma revisão de literatura sob a ótica de Frantz Fanon
e Neusa Santos Souza**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

EMANUELLI ANUNCIADA RIBEIRO HOMEM

RACISMO E SUBJETIVIDADE: Uma revisão de literatura sob a ótica de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Moema Alves Macedo

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

EMANUELLI ANUNCIADA RIBEIRO HOMEM

**RACISMO E SUBJETIVIDADE: Uma revisão de literatura sob a ótica de Frantz Fanon
e Neusa Santos Souza**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05 de Dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: PROFA. ME. MOEMA ALVES MACEDO

MEMBRO: PROF. ME. MARCOS TELES DO NASCIMENTO/UNILEÃO

MEMBRO: ESP. FRANCIELLY DA SILVA FELIX/ANPSINEP

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

RACISMO E SUBJETIVIDADE: Uma revisão de literatura sob a ótica de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza

Emanuelli Anunciada Ribeiro Homem¹
Moema Alves Macedo²

RESUMO

Esse trabalho objetivou refletir, dentro do panorama de raça, os possíveis impactos que o racismo deixa na subjetividade da população negra brasileira a partir do pensamento do psiquiatra e revolucionário Frantz Fanon e da psiquiatra, psicanalista e intelectual brasileira Neusa Santos de Souza, perpassando por fatores socioeconômicos e históricos relacionados à sociogenia e ao colonialismo. A pesquisa possui caráter descritivo e utiliza uma abordagem qualitativa, fazendo uma revisão bibliográfica sobre os impactos do racismo na saúde mental da população negra. Frantz Fanon, aponta como o racismo leva as pessoas negras a internalizar ideais brancos, resultando na alienação do “eu”, propondo o conceito de sociogenia. Já Neusa Santos Souza, em seu *Tornar-se Negro*, descreve como surge a conscientização identitária dos negros diante do racismo estrutural, alcançando o "tornar-se negro", uma afirmação de identidade positiva em um contexto de marginalização. Ambos veem como esse sistema de dominação advinda do racismo possui um fator central na psique e identidade negra. Dessa forma, Intervenções contra o racismo na psicologia precisam considerar esses efeitos psicossociais para entender as experiências da população negra. Tanto a sociogênica de Fanon como as críticas de Neusa nos processos de construção da identidade negra, fornecem bases epistemológicas para que as práticas psicológicas abordem a colonialidade e o embranquecimento e assim proporem estratégias de resistência e ressignificação identitária, sendo essenciais para intervenções que reconheçam e validem as experiências da negritude, oferecendo suporte efetivo aos efeitos psíquicos do racismo, independente de abordagem ou local de prática da psicologia.

Palavras-chave: Racismo; Subjetividade; Neusa Santos Souza. Saúde mental Frantz Fanon.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: manuhomem2001@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva examinar dentro do panorama de raça, os possíveis impactos que o racismo deixa na subjetividade da população negra brasileira a partir do pensamento do psiquiatra, filósofo e revolucionário Frantz Fanon e da psiquiatra, psicanalista e intelectual brasileira Neusa Santos de Souza. Sendo, assim, necessário discorrer como a violência causada pelas forças sociais geradas baseando-se em diferenças advindas por parte de um conjunto de características externas, e culturais afligem a saúde mental dessa população dentro da sociedade brasileira, perpassando, portanto, por fatores socioeconômicos e históricos relacionados à sociogenia e ao colonialismo.

Por meio da revisão bibliográfica, o cerne principal desta pesquisa é elucidar a pergunta-problema: “Quais possíveis impactos do racismo para a saúde mental da população negra brasileira a partir da ótica de Frantz Fanon e de Neusa Santos de Souza?”. Portanto, é fundamental analisar sob uma visão que englobe inteiramente diversos aspectos, os problemas sócio psíquicos que o colonialismo e o racismo causam na população brasileira.

Fanon acreditava que o sofrimento psíquico decorrente do racismo não seria perpassado unicamente pelas dimensões da filogenia e ontogenia, já que o sofrimento não seria considerado individual, mas sim coletivo, portanto, seria uma questão sociogênica, que propunha que a compreensão do sofrimento também era advinda da história de vida e da vivência socioeconômica. Percebe-se que, neste contexto, a população negra brasileira está inserida.

De maneira, conforme observado por Fanon (2020), isso transforma o racismo em algo arraigado na esfera do irracional, deixando uma marca indelével nas estruturas sociais. Essa dinâmica também é destacada por Souza (2021), apontando que a compreensão da identidade negra é moldada pelas exigências e expectativas da branquitude de maneira intrincada. Faustino (2018) apontava que para Fanon a colonização encontrou no racismo uma esfera para a dominação dentro de uma perspectiva econômica, social e psicológica.

Sem dúvida, a importância dessa pesquisa para o campo acadêmico pode ser vista na urgência de mais estudos sobre as complexidades que permeiam a subjetividade dessa população. Enquanto, a contribuição social se respalda na expressão e visibilidade das experiências e perspectivas da população negra brasileira, constatadas e muitas vezes ignoradas. Considerando vivências particulares nesse contexto, entre elas, está principalmente a missão e os princípios da ANPSINEP (Articulação Nacional de Pesquisadores(as) e Pesquisadores Negros(as)), que também defende e acredita na incorporação de mais

produções e estudos, que são constantemente, negligenciados na academia tradicional, além, da necessidade da investigação da subjetividade da população negra brasileira sendo crucial não apenas para se compreender individualmente identidades e experiências, mas ainda, fortalecer a autoestima, resiliência e senso de pertencimento em uma sociedade marcada pela marginalização e discriminação.

A finalidade desta pesquisa pautou-se em analisar, a partir da literatura, como os mecanismos de opressão impactam a saúde mental da população negra brasileira, com base nas perspectivas de Franz Fanon e Neusa Santos Souza. Para tanto, foi necessário discutir fatores sócio-históricos e econômicos ligados a sociogenia, colonialismo e a colonialidade no contexto brasileiro. Ao final, aponta-se algumas rotas para o trabalho da psicologia no enfrentamento ao racismo.

Desse modo, se destaca, sob o olhar, e contribuições teóricas de Neusa e Fanon como suas histórias de vida e seus entendimentos crítico fornecem bases teórica sólidas, de forma a entender os impactos psicológicos do racismo na população negra; Fanon, através do seu conceito de colonialismo e sociogenia e Neusa ao focar nas vivências do negro em ascensão social no Brasil. Nesse contexto, o “racismo a brasileira”, que frequentemente e de forma velada estruturam a desigualdade racial, criando um sistema de exclusão e violências simbólicas, dessa forma a psicologia clínica deve criar rotas para a busca de um entendimento crítico para o racismo para que assim possa oferecer um cuidado mais sensível e eficaz.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa em questão adota um delineamento descritivo e apresenta uma abordagem qualitativa. Diante de uma revisão bibliográfica, é necessária uma busca para entender os impactos na saúde mental da população negra brasileira, sob uma concepção das convicções racistas de sujeito e subjetividade, de acordo com Neusa Santos e Frantz Fanon. Godoy (1995) afirma que a pesquisa qualitativa consistiria em um método de investigação científica, que se aplica na análise de estudos dos seres humanos e seus fenômenos, permitindo ao pesquisador compreender tanto as pessoas quanto os fenômenos em questão. Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica surge como elemento pertinente, como forma de que essa metodologia busca obras já publicadas, possibilitando alcançar uma vasta quantidade de

dados dispersos a uma vasta quantidade de publicações. A pesquisa bibliográfica é conduzida a partir de um material já elaborado principalmente livros e artigos científicos (Gil, 2002),

Trata-se, ainda, de uma pesquisa descritiva. O panorama descritivo da pesquisa se concentra na análise detalhada de fenômenos e situações, com o intuito de observar e compreender o funcionamento da realidade. Conforme Barros e Lehfeld (1990), este método proporciona uma maneira de elaborar perfis e cenários através da descrição de dados obtidos a partir de levantamentos bibliográficos e documentais. A pesquisa bibliográfica foi conduzida, valendo-se em seções de obras e periódicos científicos em língua portuguesa, com enfoque principal nos últimos 63 anos, especialmente nas publicações de Franz Fanon e Neusa Santos Souza, que para esse fim, foram utilizados recursos online através das plataformas Google Scholar e Scientific Electronic Library Online (Scielo).

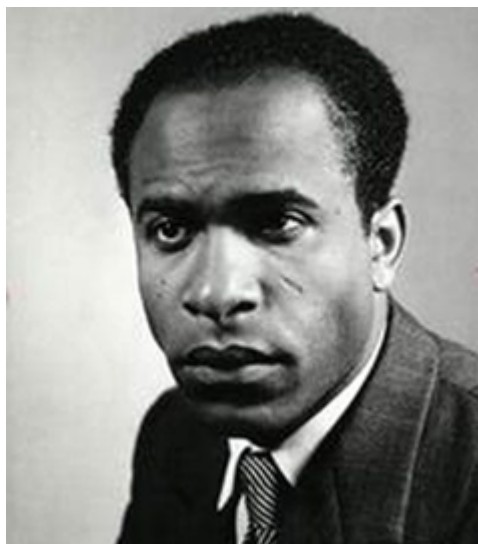
Onde ao longo desse processo, foi minuciosamente realizado um exame de estudos prévios com resumos e textos que abordam a teoria da sociogenia de Fanon, o colonialismo, e os fatores históricos que influenciam esses mecanismos no Brasil pelo contexto trazido por Neusa Santos Souza. com o propósito de oferecer novas abordagens sobre o tema em discussão. Como desenlace, foram selecionadas obras pertinentes ao tema da pesquisa, empregando os termos ou descritores: “racismo”, “colonialismo”, “população negra” “Neusa Santos Souza” e “Fanon”. Para análise dos dados foram realizados fichamentos, foram retirados dados relevantes e categorizados em tópicos de acordo com os objetivos deste artigo.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Fanon e Neusa: Aproximações e histórias de vida dos principais interlocutores

Frantz Omar Fanon nasceu na Martinica em 1925, Ilha caribenha então sob o domínio da França, filho de funcionários públicos, é o quinto de oito irmãos, sendo descrito por Faustino (2018) como alguém que cresceu fortemente cercado pelo colonialismo francês. Na sua adolescência, teve profunda influência da literatura iluminista, que mais tarde moldou suas obras políticas e filosóficas. Se casou com Josie Duple, e teve dois filhos, Mireille e Olivier; sua imagem pode ser vista na Figura I como forma de destacar sua relevância e seu legado intelectual; Fanon morreu jovem aos 36 anos, vítima de leucemia, em 6 de dezembro de 1961.

Figura 1 - Imagem de Frantz Fanon



Fonte: De Belle choses, 2013

De acordo com Costa (2012), durante o período em que esteve no exército francês para lutar a segunda guerra mundial, Fanon começou a vivenciar de maneira direta o racismo, após seis meses se preparando para o *front* na europa, ele percebe que o racismo não manifestava só pelos soldados franceses, mas também de todos os franceses que viviam no continente, servindo então, como catalisador para seu envolvimento com a política. Desse modo, conforme apontado por Faustino (2018), em 1947, ele ingressou em seus estudos na *Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie da Université de Lyon*, no curso que conseguiria adentrar seus interesses nas ciências humanas e naturais, o de psiquiatria forense.

Em 1951, escreveu o ensaio *Essai sur la désalienation du Noir*, onde de forma poética e científica discutia as questões sócio psíquicas do colonialismo, o convertendo como seu trabalho de conclusão de curso, porém tanto o seu formato, quanto os objetivos foram aconselhados a não serem apresentados, sendo substituído por um caso da doença de Friedreich (Faustino, 2018); logo em 1953, Fanon muda-se para a Argélia e lá passa a dirigir o hospital psiquiátrico, na cidade de Blida. Nesse contexto, Fanon se depara com as divisões raciais entre as alas e entre tratamentos, que segregam os “franceses” dos “argelinos”, refletindo crenças da época, como a da “inferioridade cognitiva” dos indivíduos racializados. Fanon então, passa a introduzir uma reforma extraordinária, substituindo a separação racial,

pela que considerasse o grau de sofrimento, “Além disso, a partir da reforma os pacientes passariam a ter liberdade para entrar e sair das salas quando quisessem e as camisas de força só seriam usadas em último caso (Faustino, 2018, p. 71).”

Em 1955, publica seu primeiro ensaio “*La plainte du Noir: L’expérience vécue du Noir*”, que mais tarde seria base da sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, a que Fanon (2020), descreve como o sujeito negro busca viver a partir do pensamento do branco e colonizador, de forma a obter o reconhecimento branco, causando a desumanização de si mesmo.

Essa pesquisa, principalmente, buscava segundo Faustino (2015), falar sobre as consequências psicológicas no colonialismo, abordando a dimensão existencial da negritude, problematizando a construção social do corpo negro através do pensamento colonial. Um dos principais conceitos apresentados por Fanon é a sociogenia, conforme destacado por Lima, Oliveira e Santos (2023), ela oferece um caminho metodológico e epistemológico para que a psicologia possa atuar de maneira mais eficaz, ao revelar que o racismo passa de um evento interpessoal e atua como um fenômeno profundamente enraizado nas estruturas sociais. Essa propositura torna-se categoria central nas análises realizadas no presente artigo científico e que, portanto, serão aprofundadas mais adiante.

Já Neusa Santos Souza, natural da cidade de Cachoeira no recôncavo baiano, e que apesar de muitas discussões sobre seu nascimento segundo Penna(2019) deu-se em 30 de março de 1951, é proveniente de uma família preta e simples que foi fortemente marcada pelo candomblé, era psiquiatra, pesquisadora e intelectual brasileira; mais tarde muda-se para Salvador, sendo uma das poucas mulheres negras na faculdade de medicina da Bahia no ano de 1975, e passa a fazer parte Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI) em seguida, vai para o Rio de Janeiro, onde realizou um mestrado em psiquiatria no instituto de psiquiatria da universidade federal do Rio de Janeiro (IPUB), também trabalhou no NAT, núcleo de atendimento terapêutico, e colaborou para jornais e periódicos, possui como obra mais conhecida, o “Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social (1983)”, que a estabeleceu como uma das vanguardistas no estudo das implicações psicológicas do racismo no Brasil. .

Neusa contribuiu de forma duradoura no entendimento da interseccionalidade da negritude e na saúde mental, quando em 2008, aos 57 anos, tirou a própria vida, deixando o legado de ser uma das maiores responsáveis por abrir caminhos no campo da psicanálise racial no Brasil (Nasciutti, 2023), como observa Penna (2019) o racismo estrutural ainda se apresenta no seu relativo esquecimento, devido ao fato de suas memórias e contribuições não

continuarem sendo amplamente discutidas e reconhecidas, estando principalmente relacionadas segundo o autor, ao funcionamento das instituições e a constante reprodução desse racismo que envolve as universidades, apoiando a marginalização e apagamentos de intelectuais negros, incluindo de sua imagem, (Figura 2) apresentada abaixo.

Figura 2 - Imagem de Neusa Santos Souza



Fonte: Mulheres na Filosofia, 2022

Em sua obra, ela examina como a identidade, e autoestima são afetadas na população negra quando emergem de suas posições sociais, esse processo de conscientização identitária chamada por ela como o “tornar-se negro”, de forma como apontado por Gomes (2007):

"Uma das questões mais evidentes quando se pensa a construção do negro enquanto sujeito e identidade, no contexto das relações raciais brasileiras, é o trabalho emocional que é necessário ao indivíduo negro desenvolver para atingir uma elaboração de sua auto-imagem numa chave positiva, numa configuração social na qual enfrenta um processo constante de estigmatização que se presta ao propósito de cristalização do negro num lugar de inferioridade social" (Gomes, 2007, p. 529).

Esse conceito, dialoga diretamente ao argumentar que o racismo leva os negros a internalizarem a discriminação e desejarem serem brancos. Souza (2021), oferece uma análise central, de como a negritude, não é a conjuntura natural do ser, mas que a partir do reconhecimento de desvalorização e estigmatização, e na condição de ascensão social, é sopitada ao desejo de se adequar aos padrões da branquitude, a partir de estratégias que irão

de alisar seus cabelos a se relacionar afetivamente com pessoas brancas, e ainda sim, de fato nunca “tornar-se branco”.

Gomes (2023) aponta como, tanto para Neusa, quanto para Fanon o racismo não se permeia apenas em uma questão social, mas também uma marca profundamente enraizada na psique dos indivíduos. Diz também respeito, a uma complexa jornada de como o ambiente brasileiro perpetua estigmas, e violências simbólicas contra a identidade e corpo negro, diante de uma constante necessidade de afirmação de identidade.

2.2.2 Colonialismo, sociogenia e racismo

Ao basear-se na ideia de sociedade, é inegável atravessar o entendimento da formação do que Fanon aponta como “mundo colonial”. Corroborando com esse pensamento, Pessoa (2023), aponta como o colonialismo, se baseia em um processo histórico de reorganização dos territórios invadidos, perpassando desde aspectos culturais, militares, econômicos e etc, onde, esses países europeus foram os responsáveis pelo sequestro e tráfico de sociedades africanas para as américas, de forma, que para Stadler e Krachenski (2019), foram essas relações que forjaram intrinsecamente os elos de conhecimento, valendo-se do inventário fenomenológico para justificar as violências e abusos cometidos.

Ainda, Anibal Quijano, afirma a impossibilidade de discutir colonialismo sem falar de colonialidade, o qual transcende o colonialismo formal, argumentando que a colonização europeia estabelece um novo padrão de poder, onde questões como as da raça, concebidas durante esse período, se tornaram eixos fundamentais nas organizações, perpetuando-se ainda após o fim formal do colonialismo (Quijano, 2005). O autor ainda destaca que a colonialidade do poder é uma estrutura que continua a moldar as relações políticas e socioeconômica, assim a ideia de raça foi concebida durante esse período, para justificar a categorização de inferioridade dada aos povos colonizados.

Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do

trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (Quinjano, 2005, p. 117).

Dessa forma, segundo Fanon (2022), a retirada da humanidade dessas pessoas foi uma das estratégias responsáveis para que esses países invadidos, a partir da alienação cultural, acreditassem que sem os colonos, seria restituído o retrocesso. Esse parece ser um ponto de concordância com Souza (2021), quando afirma que o fator biológico era um determinante, compondo a animalização racista que o ideal do ego branco propunha. Conforme Pessoa (2023), as violências sistemáticas eram também métodos incorporados ao processo de colonialismo. Faustino (2018), sugere como a visão de Fanon propunha que nem o racismo, e nem a racialização são fenômenos isolados, mas sim fenômenos cruciais na opressão colonial, fazendo parte da integração desse sistema de dominação, em que se é caracterizado pela forma violenta e desigual como a expansão capitalista se deu em relação às regiões fora da Europa.

Dessarte, essa hierarquização e negação das diferenças socioculturais e fenotípicas se tornaram um processo rápido para a radiação dentro da questão psíquica dessa população, sendo destacado por Fanon como a sociogenia, um fundamental conceito, que evidencia como a sociedade em que se vive também é responsável pelo sofrimento psíquico. Pessoa (2023), ressalta que para Fanon o processo de alienação é portada de maneira racializada, e advinda de suas relações de opressão, onde se divide, entre aqueles que são parte de uma raça diferente daqueles brancos e europeus, os quais seriam os representantes da humanidade. Assim forjam-se os negros, aqueles a quem é atribuída a inferioridade e a desumanidade. Fanon pontua que “o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade” (Fanon, 2020, p. 90). Embora essa concepção do negro tenha origem em diferenciações baseadas em critérios fenotípicos, ela é construída pela branquitude.

A partir disso, dentro de uma sociedade idealizada pela branquitude, Lima, Oliveira, Santos (2023), argumentam como para Fanon, se deu a “epidermização” do eu, em que o sujeito negro passa a adotar o olhar do colonizador, moldando sua percepção de identidade de acordo com os padrões brancos e europeus, resultando em um processo de desumanização e aniquilamento do “eu”, de forma que ao tentar alcançar essa norma, passa a alienar-se de sua própria identidade, resultando em uma ruptura com sua própria essência, dando uma consequência a um vazio existencial que reforça a opressão social.

Neusa Santos Sousa discute esses fenômenos tomando por base a sociedade brasileira, em específico o negro em ascensão social, de maneira a se perceber de forma dual, para

enxergar o desejo de liberdade das representações desumanadoras e aquele que supostamente ocupa um lugar que não seria naturalizado enquanto podendo ser seu. O contorno desse estudo no Brasil assume as nuances das especificidades do racismo à moda brasileira.

2.2.3 Racismo à brasileira e Mecanismos de opressão

No Brasil, foram mais de três séculos de escravidão, possuindo a maior quantidade de cativos sequestrados de África. Dessa forma, o conceito de raça, foi utilizado como instrumento para a justificativa das relações de dominação, essa formulação foi a responsável pelas teorias que naturalizam as associações de povos europeus, para povos não europeus, consolidando o racismo como cerne principal dessas dinâmicas de poder (Quijano, 2005). Portanto, após o fim do colonialismo, como em outros países da América Latina, permanece a colonialidade, os ideais eurocêntricos e de branquitude.

Assim que para Stadler e Krachenski (2019) é apontado como as consequências disso ainda se desdobram firmemente na contemporaneidade. Silva (2017) indica que em virtude do fim da escravidão formal em 1888, a população negra agora liberta não passou por esforços ou apoio significativos para integrar a sociedade brasileira, de modo, que (Streva, 2022) destaca que pelo medo da insurreição negra, e na também tentativa de camuflar a discriminação e desigualdade socioraciais, como também em concordância com Faustino (2018), a ocultação do racismo se estabelece como uma norma social, onde não se limita a apenas preconceitos e atitudes isoladas, mas permeadas pela política, estética e ética.

Outra questão colocada em pauta para o conhecimento do racismo a brasileira, está no mito da democracia racial, nele Bernardino (2002), expressa como diferente de outros países, os conflitos raciais estruturados na sociedade brasileira se apresentam de maneira discreta e pautados em casos de ascensão social, formando a ideia de um país miscigenado e sem grandes divisões raciais, Fernandes (1972) descreve como ocorre a discrepância da sociedade brasileira no que ela pensa, que o Brasil é um país igualitário, e no que de fato se é, um país ainda cheio de preconceitos.

A forma como o racismo se desenvolveu no Brasil desde a sua colonização é caracterizada no livro “o genocídio do negro brasileiro”, em que Abdias do Nascimento, descreve como essa falsa ideia de “democracia racial” máscara as profundas desigualdades e exclusões sociais impostas, sendo considerada a “metáfora perfeita”, que não é tão explícita como a de outros países, e proponha a assimilação de termos como “aculturação” e “sincretismo” desconsiderando a identidade e o direito de negros (Nascimento, 2016).

Essa ideia da assimilação cultural coercitiva, é pontuada por Nascimento (2016), segundo o autor, o racismo segue negando a valorização da cultura afro-brasileira e promovendo a da branquitude. O sistema educacional, a mídia e a legislação seguem perpetuando a invisibilização das contribuições negras, além do papel das elites brancas como detentores dos meios de produção e comunicação, mantendo o controle narrativa histórico-cultural, oferecendo contextos e máscaras de branquitude, gerando privilégios a um fenótipo branco

Em seu texto “por um feminismo afro-latino-americano”, Lélia Gonzales também oferece uma análise crítica sobre esses mecanismos de opressão vividos pela população negra, em especial as mulheres, de forma que, ao se tratar de América Latina o racismo é tido como mais sofisticado, devido a ideologia do branqueamento, essa que transmitidas constantemente pelos meios de comunicação, usam de sua relevância para a perpetuação de valores ocidentais e brancos, internalizando o desejo de negação a raça e a cultura, propagando o mito da superioridade branca como modo eficaz da produção do desejo de embranquecer (Gonzales, 2011).

2.2.4 Racismo e Saúde Mental: Desafios da População Negra Brasileira

Fanon (2020), descreve que a aspiração do negro a branquitude o faz projetar suas aspirações e desejos, buscando validação e reconhecimento a partir da assimilação. “Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente.” como afirma Fanon (2020, p. 43). Os descendentes da diáspora ainda são forçados a carregar cicatrizes emocionais desse período, devido a emissividade em um país que historicamente produziu e produz políticas de embranquecimento, e violência (Veiga, 2019).

[...] A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro" (Souza, 2021, p. 6).

Assim, Veiga (2019) argumenta, que a psicologia brasileira é fundamentada a partir da influência da branquitude e colonialismo e principalmente se baseia em valores refletidos por

estes, de maneira que, a projeção da branquitude sobre as vidas negras traz experiências marcadas pelo ódio e desprezo, do período da escravização até os dias atuais. Esse ódio, quando introjetado nas subjetividades negras, resulta em um doloroso processo de auto ódio. Veiga compara essa dinâmica à que ocorre entre vítimas de abuso ou violência, que se sentem culpadas pelo ocorrido, embora essa culpa devesse cair, de fato, sobre o abusador. Assim, a culpa e o auto ódio estão presentes profundamente na elaboração do trauma advindo dessa violência. O autor também reporta, como a branquitude projeta hostilidade e menosprezo, de modo que a vivência negra é perpassada por um doloroso processo de autodepreciação, os abusos racistas que atingem a subjetividade desse povo, resultando em culpa pelas situações socioeconômicas que a maioria delas se encontra, trazendo sentimentos de inferioridade e inadequação. Nesse sentido, os abusos cometidos contra corpos negros geram, como um de seus efeitos, a culpa pela situação socioeconômica precária, além da aversão a si mesmo, refletindo a percepção de inferioridade diante dos privilégios da branquitude (Veiga, 2019).

Neusa Santos Souza, aponta como essas estratégias de embranquecimento no Brasil, evidenciam como a violência do racismo é internalizada dentro de um ideal de ego branco, gerando uma alienação psíquica profunda. Esse distanciamento pode resultar em uma série de sintomas psicológicos, dentre os quais a culpa, depressão, ansiedade, além da constante necessidade ser aceito, afetando o mundo interno do sujeito, produzindo um conflito psíquico entre o desejo da aceitação e a rejeição de si (Souza, 2001).

Assim, Neusa identifica como indivíduos negros adquirem mecanismos para lidar com o racismo, que levam a alienação do eu, conflitos internos, perda de identidade e autoestima, dentre os quais está apresentados no quadro I.

Quadro I – Mecanismos de defesa e impactos do racismo segundo Neusa Santos Souza

Mecanismos de defesa	Descrição	Impactos segundo Neusa Santos
Negação	Forma de enjeitar a realidade racial ou minimizar o racismo sofrido.	Alienação e afastamento da própria identidade racial
Identificação com o agressor	Adesão de comportamentos e atitudes que são reflexos do grupo opressor, como forma de autopreservação.	Conflito interno e a busca por estereótipos negativos de si

Busca de embranquecimento	Na repressão de características, como alisar o cabelo, tomar menos sol, ou tentar de diversas formas afinar o nariz ou manifestações culturais que tentem se adequar ao padrão da branquitude.	Conflito de identidade, perda cultural e fragilidade emocional
---------------------------	--	--

Fonte: Elaboração própria com base na obra de Neusa Santos Souza, 2024.

Esses mecanismos de defesa apresentados no quadro acima são as respostas a nível psíquico do sofrimento, que refletem os profundos desafios para construção da identidade racial positiva, sendo assim, Neusa descreve como a realidade racial presente no Brasil é permeado pela relação social e cultural que apontam a branquitude como padrão de dominação, esse contexto resulta na intensa pressão psicológica que leva ao distanciamento das próprias raízes, a internalização de valores e comportamentos de grupos opressores e a tentativa de adequação, em resumo o quadro reflete como pessoas negras tentam lidar com o ambiente social adverso (Souza, 2021) .

De maneira semelhante, Fanon (2020) destaca, que a estrutura social racista que desumaniza e animaliza esse sujeito, levando a desejar se aproximar dessa branquitude, perspectiva essa apontada para Faustino (2015), no contexto de Brasil, é importante se compreender que o racismo se apresenta de maneira sutil porém com muita veemência nas formas simbólicas, assim para Fanon, o colonialismo é responsável pela alienação racial, criando uma identidade distorcida, dessa forma o arcabouço teórico oferecido ele, ajuda a compreender as formas que a sociedade brasileira perpetua discriminação e desigualdade. Demonstrando que tanto para Fanon, quanto para Neusa o racismo só pode ser superado diante da recuperação de uma identidade positiva.

Um dos objetivos afirmados por Fanon (2020) é "nada menos que libertar o homem de cor de si mesmo", dessa forma passando ao pressuposto que a verdadeira emancipação do negro só pode acontecer quando enfim o mesmo se libertar das amarras psicológicas determinadas pelo racismo e poder reconhecer sua humanidade e dignidade, argumentando assim que a transformação social é feita a partir do fracasso das ideologias de inferioridade e encontrar uma nova consciência de si mesmo e de sua identidade cultural. Desta forma, Lima, Oliveira e Santos (2023) denotam que a reflexão a partir da importância da dimensão racial como prática experienciada conta como forma de relação entre a raça, racismo e

subjetividade, considerando-a essencial em todas as abordagens psicológicas que vão atender qualquer população negra.

Assim, para Lima, Oliveira e Santos (2023), o propósito não é apenas desenvolver uma abordagem educacional ou clínica, mas sim, agregar a sociogenia como maneira de moldar experiências da população negra, especialmente pela “coisificação” que ainda permeia a vivência, e de fato com o uso de ações políticas e éticas tanto no campo físico, quanto subjetivo.

Isto posto, para que a sociogenia seja experienciada dentro da clínica se faz necessária a compressão de todos os profissionais a partir das experiências e dos sofrimentos de populações negras, significando o reconhecimento do racismo estrutural e da colonialidade como impactantes da saúde mental, e para isso, a incorporação dentro da formação se faz obrigatória, e para que esses princípios se adaptem às realidades de comunidades racializadas, assimilando e contrapondo práticas colonizadoras, para que seja possibilitada uma abordagem mais comprometida politicamente, transformando a clínica em um ambiente de resistência (Lima; Oliveira; Santos, 2023).

Lima, Oliveira e Santos (2023) Apontam como a psique coletiva não está disposta a ouvir as demandas específicas e temporais das pessoas negras, revelando que o inconsciente coletivo ainda não está pronto para reconhecer plenamente a humanidade nos negros. Assim, não só atuação em psicologia tem um papel no enfrentamento dessa indisposição, como a formação em psicologia também tem um papel.

Santos (2012), assinala como a formação em psicologia também precisa ser uma orientação para a desestruturação do racismo, a fim de que, incluir o estudo crítico das bases históricas do racismo e suas manifestações ao longo dos anos, Damasceno e Zanello (2018), ressaltam como a falta de reconhecimento institucional também compactua para o agravamento do sofrimento, além da invisibilização nos atendimentos em clínica, sendo necessário uma abordagem mais crítica e inclusiva nos serviços de saúde, de uma forma que seja desconstruído as heranças coloniais, e de conjuntamente a isso, incluir as análises do efeito da branquitude e seus impacto psicológicos no sujeito, além de um chamado para continuidade da pesquisa, na investigação das consequências do racismo, para a formulação de profissionais que compreendam e combatam os efeitos psicossociais do racismo.

Portanto, como proposto pelo conselho federal de psicologia (CFP), para as possíveis intervenções em casos de racismo, é essencial a análise das implicações psicossociais causadas na vítima. Dessa forma, para Costa (2012), é necessário identificar os efeitos e impactos que podem ocorrer nessas pessoas, de forma que o apoio psicoterapêutico possa ser

diverso, desde as intervenções do impacto do racismo sobre o psicológico, ressignificando experiências traumáticas, trazendo espaços de acolhimento e fortalecimento de identidade racial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas no presente estudo, explorando o objetivo de descrever como os mecanismos de opressão e discriminação impactam a saúde mental da população negra brasileira, e fundamentando-se na perspectiva de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, ao considera-se os fatores econômicos, históricos e sociais na influência dos efeitos psicológicos do racismo. Dessa forma, explora-se o racismo e a subjetividade, para compreensão de como a identidade negra é moldada a partir das exigências da branquitude brasileira e como elas afetam sua identidade, pelo olhar crítico de Neusa.

A pesquisa evidencia como a violência e discriminação estão profundamente enraizados dentro da sociedade brasileira, gerando efeitos psicológicos em decorrência do racismo, fenômeno que se manifesta a partir de eventos interpessoais na construção do que Fanon chama de sociogenia, esse processo afeta a subjetividade dos indivíduos negros através do auto-ódio e alienação, resultado em sentimentos de inferioridade.

Dessa forma, ao se considerar a construção da identidade negra, percebe-se que é formado a partir de exigência da branquitude, gerando a internalização de estigmas sociais que prejudicam a autoestima e saúde mental ao qual Souza (2021) chama de “tornar-se negro”, onde ilustra a marginalização das expressões da negritude a partir da perspectiva da branquitude. A partir dessa análise, o colonialismo é compreendido como responsável pela marginalização da população negra, e como a colonialidade do poder, descrito por Quijano (2005), como a concepção de raça como um dos instrumentos que mantém essas estruturas, justificando essa categorização, de forma a moldar e favorecer a branquitude.

Assim, as implicações deste estudo apontam para as significativas consequências, dentro dos campos prático, teórico e metodológico, para que, assim a sociogenia passe a se firmar como ponto central na compreensão e no cuidado psicológico de populações negras, levando a intervenções mais eficazes e sensíveis, incentivando programas de políticas públicas que reconheçam o racismo e a alienação cultural como formas de sofrimento, para que a partir da ótica de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza o impacto do racismo e a identidade negra possam promover uma dinâmica mais profunda no funcionamento da imagem e valorização no contexto sociocultural.

A expansão desse estudo, pode encontrar-se na inclusão de diversificadas metodologias, além de mais pesquisas que investiguem os impactos da sociogenia nos diferentes contextos geográficos e culturais, também observando os efeitos práticos nas mudanças clínicas e na sua eficácia em tratamentos, para que assim, seja aprofundada como a branquitude afeta a saúde mental e o que pode ser feito para uma psicologia mais inclusiva.

Ressalta-se que é necessário o desenvolvimento de mais políticas públicas que assegurem o acesso dessa população a espaços de acolhimento e fortalecimento, quebrando as barreiras que imponham dificuldades ao acesso da população negra aos serviços de saúde mental, que são maiores que pequenos obstáculos, dentre os quais o do viés econômico, também acompanhada da questão institucional e cultural, resultando em muitos casos em diagnósticos incorretos e tratamentos inadequados (Reis, 2021), dessa forma, Martín-Baró (2000) revela como o “trauma psicossocial”, que é originado pelas violências sistemáticas e se caracteriza por uma cristalização de traumas, vai além de um conceito que se estabelece em um sofrimento individual, mas para grupos que vivenciam relações sociais desumanas, afetando desde, sendo responsável por reproduzir sentimentos de medo, fatalismo, culpa, ampliados pela violência política e a impunidade.

Portanto, o estudo reafirma a necessidade e a urgência de que a psicologia transpasse o papel de passividade, mas que também ajude a combater o sofrimento que é gerado pelo racismo, de forma, ao se inspirar no conhecimento gerado por Fanon e Neusa, propor uma psicologia que possa reconhecer o impacto devastador causado pelo racismo, de forma a se pensar que a “descolonização do pensamento”, seria a real emancipação da negritude, rompendo com a psicologia euro centrada que é pautada na branquitude.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.; SOUZA, P. S. **Neusa Santos Souza (1951-2008)**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/neusa-santos-souza/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de, LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1990.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016.

BERNARDINO, J.. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 24, n. 2, p. 247–273, 2002.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 147 p., 2017.

COSTA, E. S. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DAMASCENO, M. G., & ZANELLO, V. M. L. **Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>.

DE BELLES CHOSES. **Théâtre : Jacques Allaire redonne vie aux Damnés de la Terre sur la scène du Tarmac à Paris. De Belles Choses**, 19 nov. 2013. Disponível em: <https://debelleschoses.com/2013/11/19/theatre-jacques-allaire-redonne-vie-aux-damnes-de-la-terre-sur-la-scene-du-tarmac-a-paris/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento & Raquel Camargo. [Edição original publicada em 1952]. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo**. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. Ciclo Contínuo Editoria, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. 2015. 252 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FERNANDES, Florestan (1972). **O Negro no Mundo do Branco São Paulo**, Difusão Européia do Livro.

GABRIEL, N. L. D. **A concepção de liberdade na biografia e na obra Pele Negra, Máscaras Brancas de Frantz Fanon**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Ana Paula Pereira. O negro – individual, coletivo, self, raça e identidade: algumas questões sobre o tornar-se negro e a auto-rejeição. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 529-546, jul./dez. 2007.

GOMES, José Sandino Cavalcante Alencar. **O racismo e as suas consequências à saúde psíquica e emocional das pessoas negras, uma leitura a partir de Isildinha Nogueira, Neusa Santos e Frantz Fanon**. Redenção/CE: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: **Fortalecer a Resistência Negra ao Neoliberalismo**. Brasil: Círculo Palmarino, 2011.

LIMA, Fátima, OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; SANTOS, Abrahão de Oliveira. A Sociogenia Fanoniana e a Formação em Psicologia: Uma aposta clínica política e negra. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, 2023.

LIMA, Lísia Maria Gama; PINHEIRO, Diego Arthur Lima. **Relações entre racismo e adoecimento mental: um estudo a partir das contribuições de Frantz Fanon e Neusa Santos Souza**. In: Seminário de iniciação científica da UEFS, 27., 2023, Feira de Santana. Anais [...]. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2023.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología social de la guerra - selección e introducción de Ignacio Martín-Baró**. El Salvador: UCA; 2000.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIUTTI, Luiza Freire. **Neusa Santos Souza e o "tornar-se negra/negro" enquanto projeto de autonomia através do discurso de si**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

PENNA, W. P. **Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psis**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2019. Orientador: Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira. Coorientador: Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos.

PESSOA, Guilherme. "Frantz Fanon e a Decolonialidade: Entrecruzamentos para uma Perspectiva Crítico-Estrutural do Racismo". **Revista TEL**, Irati, v. 14, n. 2, p. 271-306, jul./dez. 2023.

QUINJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REIS, Nathália de Souza Machado dos. **Efeitos psicossociais do racismo e promoção de saúde: cenas em escola de ensino médio em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. **Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais**. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. esp., p. 166-175, 2012.

SILVA, Millena Carolina da. **O impacto do racismo na saúde mental das vítimas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STADLER, Thiago David; KRACHENSKI, Naiara. História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial. **Revista de História da UFPR** [Revista de estudos libertarios(REL)], 2019.

STREVA, J. M. Colonialidade do Ser e Corporalidade: o Racismo brasileiro por uma lente decolonial. **Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia**, v. 1, n. 40, 2022.

VEIGA, Luana Martins. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. spe, p. 244–248, dez. 2019.